

animais desembarcaram na região de São Domingos e, alguns anos depois, já havia criações na Colômbia, Venezuela, Peru e Equador.

Em terras brasileiras, os suínos chegaram cerca de 40 anos mais tarde (1532), trazidos pelo navegador Martins Afonso de Souza. Os animais pertenciam às raças da península Ibérica e desembarcaram no litoral paulista (São Vicente). Assim, raças portuguesas, como a Alentejana e a Transtagana, influenciaram na formação das raças brasileiras, assim como as raças do tipo célticas, asiáticas e americanas.

Os primeiros suínos chegados ao Brasil vieram com Martim Afonso de Souza em 1532, estabelecendo-se em São Vicente, no litoral paulista. Pertenciam às raças da Península Ibérica existentes em Portugal. Muitos escaparam pelas matas, formando grupos independentes (Cavalcanti, 1985). Através de cruzamentos e mestiçagens, deram-se início à formação das seguintes "raças" nacionais: Canastra, Canastrão, Caruncho, Nilo, Pereira, Piau, Pirapitinga, além de variedades de suínos, como Casco de Burro, hoje já praticamente extintos (Machado, 1967; Cavalcanti, 1985; Viana, 1986).

Raças nacionais

Pertenciam essas raças aos 3 troncos originais e fundamentais de todas as raças atuais de suínos: Céltico - porco grande e tardio, descendente do javali europeu, Asiático - porcos pequenos, de orelhas curtas e grande propensão à engorda, descendente do indiano e finalmente o Ibérico, intermediário, de hibridação remota dos dois troncos.

Porcos pequenos, por exemplo, como o "Tatuzinho", podem ser interessantes como "animal de laboratório", para estudos de fisiologia, nutrição, veterinária; etc., porque podem ser criados em pequeno espaço e com pouco gasto em alimentação e manejo.

Os representantes mais típicos e puros do tronco Céltico são: o canastrão, o do Ibérico, o Canastra e o Nilo-Canastra, e o do Asiático, o Tatu e o Caruncho. Todas são raças sóbrias, pouco exigentes, pouco prolíficas, tardias, mal conformadas, pouco

musculadas, criadas com o objetivo de produzir banha. Como atualmente este tipo deixou de ser econômico e devido à maior procura da carne, alimentos mais escassos, perderam o interesse por parte dos criadores e vão desaparecendo à medida que a civilização penetra para o interior. Não merecem mais que uma descrição sumária.

Algumas raças brasileiras sofreram infusão de sangue das raças aperfeiçoadas estrangeiras, mas diversas não conseguiram sobreviver por muito tempo e as restantes não o conseguirão. É que o porco degenera facilmente quando criado em consangüinidade e, as raças obtidas, mantidas em "rebanho fechado" por limitado número de criadores, não conseguiram contornar o problema.

No Brasil, quase todas as raças naturalizadas de suínos se encontram ameaçada com extinção. As raças e ecotipos incluem: Piau, Canastra, Canastrão, Caruncho, Piratininga, Pereira, Tatuí, Junqueira, Pinhal, Pedreira, Moura, Monteiro, Casco-de-burro (Casco de Mula), Rabo-de-peixe, Pirapitinga, Tatu (Canastrinho, Nilo, Macau, Perna Curta, Baé), Sorocaba.

Pirapitinga

Os suínos denominados Pirapitinga são muito antigos na Zona da Mata, no Estado de Minas Gerais. A raça originou-se, provavelmente, nas fazendas localizadas na bacia do rio Pirapitinga, de onde se disseminou pelos municípios vizinhos e no Estado de Espírito Santo.

Trata-se de um porco do tipo Asiático, de tamanho médio, de fina ossatura e bom comprimento. Tem poucas cerdas (quase pelado), apresentando o couro preto ou arroxeadado, cabeça descarnada, orelhas em pé e focinho comprido. São animais ativos, criando-se bem em pastoreio ou encerrados em pocilgas.

O Pirapitinga engorda com grande facilidade, aproveitando bem grande variedade de alimentos, sendo ótimo pastador. Produz toucinho de excelente qualidade

e bom rendimento em gordura. Pirapitinga é uma raça de porcos de porte médio, focinho comprido e quase pelados. A cor predominante é a negra ou arroxeadada.

Carunho

É um porco pequeno, com peso médio de 90 a 100 quilos, quando gordo. Tem pelagem semelhante à do porco Piau: manchas pretas em fundo branco-creme ou cor de areia. São animais rústicos, pouco exigentes quanto à alimentação, de temperamento tranquilo e grandes produtores de gordura.

Moura

É uma raça nativa, há muito tempo criada no país, no entanto, somente em 26 de abril de 1990, foi aprovada pelo MA e registrada no livro do PBB, como cadastro inicial. De 1990 a 1995, foram registrados na ABCS, 1.668 suínos, no estado do Paraná. É uma raça que está disseminada principalmente nos estados do sul do país. Suas principais características são: prolificidade, comprimento e rusticidade. Nos últimos quatro anos não houve registro genealógico da raça. Origem: Brasil (RS, SC e PR) Pelagem: Preta entremeada de pelos brancos (Tordilho).

As primeiras iniciativas de formação de plantel para seleção e fomento da raça MO, ocorreram no Estado do Paraná, inicialmente pela Universidade Federal do Paraná (UFPr), em 1985, e mais tarde pela empresa Café do Paraná. Os primeiros registros genealógicos da raça foram emitidos pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) em 1990, ano que marcou a abertura do Pig Book Brasileiro (PBB) da Raça MO. Dois outros criadores, também do Paraná, iniciaram a registrar animais MO a partir do ano 1992. Todas essas iniciativas, no entanto, não tiveram continuidade, pois os últimos registros da raça foram emitidos pela ABCS em 1995. A Embrapa Suínos e Aves, preocupada com a oferta de soluções tecnológicas para a agricultura familiar, iniciou em 2003 a formação de um plantel de suínos da raça MO, partindo de 12 fêmeas e 3 machos recebidos da UFPr, que, apesar de não registrar animais desde 1995, manteve até o ano 2000 o controle da base genética. Dessa forma a raça MO voltou a ser controlada pela

ABCS, tendo sido expedidos os primeiros registros genealógicos em março do corrente ano.

Piau



<http://wapedia.mobi/pt/Suinocultura>

Foi a primeira raça nativa a ser registrada no livro do PBB, em 1989, em caráter de cadastro inicial, de acordo com a aprovação do MA, em 28 de setembro de 1986. De 1989 a 1995, já foram registrados na ABCS, 1.250 suínos nos estados do RS, SC e PR. É uma raça que se caracteriza pela sua rusticidade. Nos quatro últimos anos não houve registro genealógico da raça.

A palavra Piau, de origem indígena, significa "malhado", "pintado". Existem Piaus grandes, médios e pequenos. Alguns ganharam alguma reputação como raça e foram justamente os que resultaram de cruzamentos com raças aperfeiçoadas estrangeiras, como o Goiano, Francano, do Triângulo Mineiro, o Junqueira (só de raças estrangeiras), o de Canchim (São Carlos-SP), o de Piracicaba-SP, o de São José-SP, etc. Um tipo mais fixo e mais antigo é o Caruncho Piau, um pouco maior que o Carunchinho e menor que

o Piau. Possui uma variedade vermelha, a Sorocaba, de tamanho médio e aptidão intermediária, provavelmente melhorada por cruzamento com Duroc. Parece-nos que a formação desta raça vem sendo bem orientada para um porco fácil de criar, que possa entrar nos cruzamentos para produção de carne.

Origem: Brasil (Sul de Goiás, Triângulo Mineiro, e Noroeste do Estado de São Paulo).

Pelagem: Oveira (Branca-creme, com manchas pretas)

Orelhas: Intermediárias entre Ibéricas e Asiáticas

Perfil Cefálico: Retilíneo e subconcavilíneo

Característica: Alta rusticidade.



A maior concentração da raça Piau, até a década de 70 foi na bacia do rio Paranaíba, onde existia naquela época grandes criadores.

E me parece que a formação da raça Piau, foi originada dos cruzamentos de animais Canastra, com Polland-China e Duroc, e existia grande variabilidade entre os animais Piau, onde encontrávamos animais Piau: Grandes, Médios e Pequenos.

O trabalho inicial de seleção, foi desenvolvido pelo incansável Prof: A. TEIXEIRA VIANA (medico-veterinário e zootecnista), na Fazenda Experimental de Criação de São Carlos (SP), por volta de 1.939 partindo de um núcleo de 5 machos e 21 Fêmeas, e foi procurado utilizar animais mais uniformes, e os de porte mais desenvolvidos, boa conformação, e pelagem característica, para diminuir a grande variabilidade que existia até então.

PADRÃO DA RAÇA PIAU:

O trabalho de melhoramento da raça PIAU, que o Dr. A. TEIXEIRA VIANA desenvolvia pretendia obter um animal com as seguintes características:

Cabeça: De tamanho médio e perfil subcôncavo. Testa achatada entre os olhos. Focinho de mediano comprimento. Pouca papada, sem brincos. Olhos bem afastados.

Orelhas: De comprimento e largura médios. Caídos para os lados e para baixo (tipo Ibérico).

Pescoço: Médio e cheio, em proporção ao ombro, apresentando boa inserção.

Peito: Largo e profundo.

Espáduas: Largas, medianamente niveladas e cheias, acompanhando a largura do dorso.

Dorso: De largura média. Comprido e ligeiramente arqueado. E animais que apresentavam tendência a celar eram eliminados.

Lombo: De mediana largura, ligeiramente arqueado, sem asperezas.

Ancas: Compridas e arredondadas.

Pernil: Largo cheio até o jarrete e sem rugas.

Cauda: De implantação alta, enrolada, e com cerdas creme (cor de areia), não era desejáveis animais com caída, (rabo de cavalo).

Costelas: Bem formadas, cheias, bem arqueadas e compridas.

Lados: Profundos e espessos, sem reentrância, lisos até a barriga.

Flancos: Grossos, planos e lisos.

Barriga: Cheia, com linhas retas em relação ao solo, tendo 12 tetas de boa conformação e bem colocadas, e os animais que apresentavam menos de 10 tetas ou tetas cegas eram descartados.

Pernas: De forte ossatura, com bons tendões, musculosas e bons aprumos.

Pés: Fortes sólidos, e bem nivelados.

Pêlo: Fino, liso, de distribuição uniforme sobre o corpo, sem redemoinhos.

Pele: Escura ou preta, sem rugas, e o animais que apresentavam manchas despigmentadas na pele (bragados) eram descartados para reprodução.

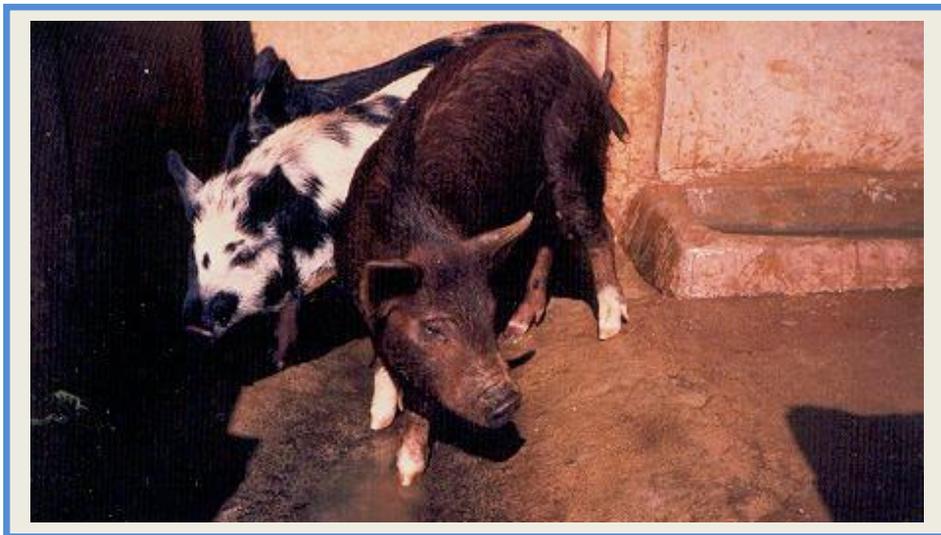
Cor: Branca-creme (cor de areia), com manchas pretas (70 a 80%) de cor creme e (20 a 30%) de cor preta. As manchas pretas devem ser bem definidas e proporcionalmente distribuídas sobre o corpo.

Sorocaba

A raça Sorocaba, desenvolvida pelo Prof: Godinho, a partir do ano de 1.956, e para formação da raça SOROCABA foi usado o cruzamento triplo e o retrocruzamento com mestiços F-1. O material genético que propiciou a formação do Sorocaba, era inicialmente 26 matrizes da raça Caruncho Vermelho, e 2 machos e 6 fêmeas da raça Tamworth, e 6 machos Duroc.

Casco de burro

Estes animais foram encontrados em algumas criações de baixa tecnologia (porcos nacionais), na região do triangulo minério, região sudeste do Brasil.



<http://www.sossuinos.com.br/inicial.htm>



Canastrão

Raça natural melhorada, derivada da Bizarra, portuguesa, filia-se ao tipo Céltico, de corpo grande (machos com 220 Kg e fêmeas 200 Kg quando adultos), cabeça grossa, perfil côncavo, fronte deprimida, pregueada, focinho grosso, orelhas grandes e cabanas; pescoço longo, com papada; linha dorso-lombar sinuosa e estreita; membros compridos

e fortes. Pelagem preta ou vermelha, segundo a variedade regional. Pele grossa e pregueada, cerdas fortes e ralas. O Canastrão é ainda disseminado no sertão mais distante, mas raríssimo na região mais populosa. Muito tardio, é engordado no segundo ano. As fêmeas são prolíficas e boas mães.

Canastra



<http://soscanastrao.blogspot.com/2009/07/raca-canastra.html>

Raça natural melhorada do tipo Ibérico, supostamente derivada das raças portuguesas Alentejana e Transtagana. Já foi muito disseminada no Brasil com diversas denominações, principalmente Meia-Perna. Considerada de porte médio (os adultos pesavam 150 a 160 Kg, mas supomos que este peso se refere a animais gordos). Tem a cabeça pequena e leve, com perfil sub-côncavo, focinho antes curto, bochechas largas e pendentes, às vezes com brincos, orelhas médias e horizontais, oblíquas para frente. Pescoço curto e largo, corpo de proporções médias, um pouco roliço, com a linha

superior geralmente um pouco enseada, membros curtos separados, de ossatura fina. Utilizado na produção de banha.

Tatu (Canastrinho, Nilo, Macau, Perna Curta, Baé)

O Canastrinho é um grupo de animais menores, de tipo Asiático, introduzido do Oriente pelos colonizadores portugueses, do qual resultaram algumas variedades regionais com os nomes de Nilo, Macau, Tatu, Baé, Perna-curta, Carunchinho, etc., cuja conformação é semelhante, porém podem apresentar diferenças de pelagens, orelhas, etc. Derivam de porcos Chineses, Siameses, Conchinchinos, de Macau, etc. O corpo é pequeno, baixo e compacto, com ventre desenvolvido, membros finos e curtos. Tem pouca musculatura e ossatura. São bastante sóbrios, mansos, caseiros, podem ser prolíficos ou não, conforme o rebanho. Especializado na produção de banha, criado, sobretudo por pequenos sitiantes para consumo doméstico. A pelagem pode ser preta, vermelha, malhada, de pelos abundantes, ralos ou ausentes (pelado), conforme a variedade. Supõe-se ser esta raça derivada do porco Macau, ou (chino, siamês ou cochinchino) introduzidos no Brasil nos tempos coloniais. Pertence ao tipo asiático.

A pelagem mais comum é a negra, pelada ou com cerdas raras e muito finas. A pele é também fina e macia. A cabeça é pequena, de fronte abaulada, perfil subcôncavo, focinho curto ou comprido, orelhas retas e pequenas. O pescoço é curto e grosso e o tronco pequeno, compacto, baixo, com o ventre perto da terra e de pouca musculatura. Os membros são finos e curtos. É porco precoce, pequeno, especializado para a produção de banha, com esqueleto muito fino, e que dá rendimento elevado. Muito manso, e de prolificidade regular, é criado principalmente para consumo nas próprias fazendas, como produtor de gordura.

Nilo Canastra

Este tipo de porco, relativamente antigo, como raça natural do país, é considerado fruto do cruzamento do Nilo (porco pequeno pelado, do tipo Asiático) com o Canastra. Entretanto o tipo existe em Portugal, onde é um dos representantes do

porco Ibérico. Foi melhorado na ESALQ, a princípio por Athanassof e depois por Torres. O Ministério da Agricultura também fez algumas tentativas neste sentido. Os resultados obtidos, embora razoavelmente bons, não podem ser aproveitados com objetivos práticos, a não ser como lastro para cruzamentos. Em Minas já houve criações importantes de Pirapetinga, (que difere do Nilo sobretudo por caracteres da cabeça) as quais vão dando lugar as de outras raças mais produtivas. É considerado um porco de tamanho médio, de corpo comprido e estreito, com pouca musculatura e ossatura, prolificidade e precocidade médias, desprovido de pelos ou com cerdas ralas, em virtude do que não serve para as regiões frias. É do tipo de banha, rústico. Já teve grande reputação no Estado de São Paulo e Minas.

Monteiro



<http://www.pantanalsulmatogrossense.com.br/animal.php?cod=20>

O suíno doméstico (*Sus scrofa*) já protagonizou eventos de asselvajamento em várias regiões do mundo. A espécie foi introduzida no Pantanal pelos colonizadores da região, o que coincide com a entrada dos bovinos. Desde então a população local maneja a espécie de forma tradicional (Lourival, 1997). Dentre as características favoráveis ao manejo das populações de porcos monteiros na região destacamos a sua elevada abundância (Lourival, 1997; Mourão et al., 2000). Aproximadamente 394.000 porcos (Piovezan & Avellar, 2008) vivem em liberdade na porção brasileira do Pantanal (140.000 km²). O desafio que vislumbramos é o desenvolvimento de um sistema adaptado à manutenção das características que o porco apresenta em condição silvestre (i.e.: baixo teor de lipídeos totais e qualidades organolépticas da carne), porém com alto grau de higidez. Buscamos um modelo de arranjo produtivo que seja adequado ao Pantanal, que dependa de baixo investimento e que possa ser replicado em outros locais (Pantanais), onde já ocorre o porco monteiro.

O principal fator que limita o transporte de animais vivos atualmente é a doença de Aujeszky. Esta enfermidade é causada por um patógeno do grupo dos herpes virus que, embora não caracterize uma zoonose, pode causar prejuízos a granjas suínas, principalmente aquelas com sistema intensivo de produção. As populações silvestres de *Sus scrofa* amostradas no Pantanal apresentam indivíduos positivos para o teste de Elisa, que detecta presença de anticorpos associados ao agente etiológico, a uma taxa de 37% (Oliveira et al., 2006). A medida profilática recomendada por sanitaristas e pelo Ministério da Agricultura é o abate sumário do plantel. Entretanto, a carne oriunda deste abate sanitário pode ser consumida sem riscos à saúde humana. Por causa desta enfermidade, há uma legislação estadual que limita o transporte de animais vivos entre planície e planaltos adjacentes (PORTARIA/IAGRO/MS Nº607/2003).

As informações disponíveis sobre a distribuição e densidade da população de porcos monteiros no Pantanal indicam que a erradicação da espécie na região é provavelmente inviável (Lourival, 1997; Mourão et al., 2000). Considerando valores de estimativas aéreas corrigidos, a exploração sustentável da população presente na região poderia gerar anualmente uma renda de aproximadamente cinco milhões de Reais, sem prejuízo aos estoques e praticamente sem investimento (Piovezan & Avellar, 2008).



<http://www.pousadacabure.com.br/11.html>

Dentre os maiores avanços que obtivemos nos trabalhos já realizados com a espécie, destacamos a obtenção de um índice de correção para contagens aéreas, o que nos permitiu estimar o tamanho da população total de porcos monteiros livres na planície do Pantanal, a partir de dados obtidos por avião (Mourão et al., 2002). O índice de correção foi estimado com o rastreamento de animais equipados com rádio colares e o número provável de animais estimados para 140.000ha de Pantanal é de 394 mil cabeças (Piovezan & Avellar, 2008). Considerando o tamanho médio de grupos igual a 7,6 indivíduos, o peso médio dos animais abatidos na natureza igual a 45,4 kg (Lourival & Fonseca, 1997) e o valor do kg de porco vivo igual a R\$ 2,63 (CEPEA, 2008); um desfrute de 15% (seguramente abaixo da produção máxima sustentável da população em questão - Caughley & Sinclair, 1994; Wood & Barret, 1979) pode ser adotado. Logo, a região como um todo é capaz de produzir, a intervalos aproximadamente anuais, cerca de R\$ 5.264.082 em carne de porco, sem prejuízo aos estoques e provavelmente com baixo investimento (Piovezan & Avellar, 2007).

Os mesmos animais rastreados nos permitiram estimar a área de vida típica do porco monteiro na planície, ou seja, o espaço necessário para que os animais livres da espécie exibam seus comportamentos e mantenham suas atividades vitais incluindo

reprodução (artigo em preparação para o SIMPAN 2010). Atualmente sabemos que a área de vida dos machos pode variar de 1,775km² a 3,57 Km², considerando o estimador mínimo polígono convexo e que a área de vida da fêmea tende a ser menor do que as dos machos. Além disso, sabemos que os indivíduos da espécie selecionam ambientes florestados com numa proporção maior do que a disponibilidade desses ambientes na paisagem e que, embora fosse esperado que a espécie competisse com porcos do mato nativos, a sobreposição de nicho entre essas espécies é pequena (Desbiez et. Al., 2009). Além disso o sistema tradicional de manejo no Pantanal revelou-se como tendo características impares dentro do histórico de invasões da espécie *Sus scrofa* em outros continentes (Desbiez et al., 2010, no prelo).

Associação Brasileira dos Criadores de Suínos - ABC

SGAN, Módulo K, Edifício da CNA

CEP: 70830-010

Brasília - DF

Telefone: (61) 2109-1620

<http://www.abcs.org.br/>

Referências

- ALBINA, E.; VANNIER, P. special issue – 3rd international symposium on prrs and Aujeszku,s disease, *Veteinary research* 31 (1): 3-3, 2000.
- BENEVIDES FILHO, I. M. 1982. Análise genética do desempenho de suínos da raça Piau do nascimento à desmama. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil, 77pp.
- BRANDÃO, V. Carne suína: história dos suínos. *Correio Gourmand*. São Paulo, s.d. Disponível em: <http://correiogourmand.com.br/produtos_glossario_alimentos_carnes_mamiferos_porco_historia.htm>. Acesso em: 13 dez. 2007
- CASTRO, S. T. R.; ALBUQUERQUE, M. S. N.; GERMANO, J. L. 2002. Census of Brazilian naturalized swine breeds. *Archivos de Zootecnia*, 51: 1-5.

- CAVALCANTI, S. S. 1985. Produção de suínos. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas, Brasil, 453pp.
- Da SILVA, J. S. V.; MORAES, A. S.; SEIDL, A. F. Evolução da agropecuária no Pantanal Brasileiro. 1975-1985. Corumbá: Embrapa Pantanal 157 p. 2001
- DESBIEZ, A.; KEUROGLIAN, A.; PIOVEZAN, U.; BODMER, R. E. Ecologia de populações de porcos monteiros no Pantanal do Brasil. Documentos. Embrapa Pantanal, v. 106, p. 1-45, 2009.
- DESBIEZ, A. L. J., SANTOS, S. A., KEUROGHILIAN, A. BODMER, R. E. Niche partitioning among white-lipped peccaries (*Tayassu pecari*), collared peccaries (*Pecari tajacu*), and feral pigs (*Sus scrofa*). *Journal of mammalogy* 90 (1) 119-128, 2009.
- DESBIEZ, A. L. J. (2007). Wildlife conservation in the Pantanal: Habitat alteration, invasive species and Bushmeat Hunting. PhD. Dissertation, Durrell Institute of Conservation and Ecology (DICE), University of Kent Canterbury. 288p.
- DESBIEZ, A. L. J., KEUROGHILIAN, A., PIOVEZAN, U. AND BODMER, R. E. (2010). Invasive species and bushmeat hunting contributing to wildlife conservation: the case of feral pigs in a Neotropical wetland. *Oryx* (in press).
- FZEA-USP (Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo – USP). Suíno: zootécnica – generalidades. Criar e Plantar. São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.criareplantar.com.br/pecuaria/suino/zootecnia.php?tipoConteudo=texto&idConteudo=124>>. Acesso em: 8 fev. 2008.
- HERRERA, H. M.; ABREU, U.G.; KEUROGHILIAN, A.; FREITAS, T. P., JANSEN A. M. The role played by sympatric collared peccary (*Tayassu tajacu*), white-lipped peccary (*Tayassu pecari*), and feral pig (*Sus scrofa*) as maintenance hosts for *Trypanosoma evansi* and *Trypanosoma cruzi* in a sylvatic area of Brazil. *Parasitol Res.* 2008 Aug;103(3):619-24.
- HERRERA, R. C. S. P. Hábitos alimentares do porco monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul. Monografia de especialização. Universidade Federal do Espírito Santo – ES. 94p. 1995.

- LOURIVAL, R. F. F. 1997. A caça no Pantanal da Nhecolândia (Corumbá – MS – Brasil). Tese de Mestrado – UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG. 163p.
- MACHADO, L. C. P. 1967. Os suínos. A Granja, Porto Alegre, Brasil, 662pp.
- MCMANUS, C. et al. Phenotypic characterization of naturalized swine breeds in Brazil, Uruguay and Colombia. Braz. arch. biol. technol. [online]. 2010, vol.53, n.3 [cited 2010-09-12], pp. 583-591. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-89132010000300011&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1516-8913. doi: 10.1590/S1516-89132010000300011.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente, Espécies exóticas invasoras, (<<http://www.mma.gov.br/port/sbf/invasoras/index.cfm>>), acessado em 16/02/2007.
- MOURÃO, G. de M.; COUTINHO, M. E.; MAURO, R. A.; TOMÁS, W. M. MAGNUSSON, W. Levantamento aéreos de espécies introduzidas no Pantanal: porco ferais (porco monteiro), gado bovino e búfalos. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2002. 22p.il. (Embrapa Pantanal. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 28).
- OLIVER, W. L. R., BRISBIN, Jr. I. L. 1993. Introduced feral pigs: m problems poilicy and priorities, In: Pigs, Peccaries and ippos, W.L.R. Oliver (ed.) Status survey and conservation action plan of the IUCN, switzerland, 179-191p.
- PAES, R. C. S.; RIBEIRO, O. C.; CARNEIRO MONTEIRO, L. A. R.; FIGUEIREDO, A. O.; NETO, A. A. C.; OLIVEIRA, J. M.; DA ROSA, G. O.; KEUROGLIAN, A.; PIOVEZAN, U.; HERRERA, H. M. Enfermidades de ocorrência no porco monteiro (*Sus scrofa*) no Pantanal sul-Matogrossense, Brasil. 35º Congresso Brasileiro De Medicina Veterinária – CONBRAVET. 19-22 outubro 2008 Gramado/RS
- PINHEIRO, S. L. G. Diagnóstico Participativo (DPR): uma experiência acadêmica com agricultores familiares das comunidades rurais do Rio do Sul e Rio da Prata, Anitápolis, Santa Catarina. Florianópolis: Epagri, 2004
- PIOVEZAN, U.; AVELLAR, A. L. F. de. Quantos porcos monteiros existem no Pantanal? Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008. 4 p. (Embrapa Pantanal. Circular Técnica, 76). Disponível em:

- ROPPIA, L. 1999. O vice-versa da criação de suínos. *Globo Rural*, 4 (165): 46-50.
- SERENO, J. R. B.; SERENO, F. T. P. S. 2000. Recursos genéticos animales brasileiros y sus sistemas tradicionales de explotación. *Archivos de Zootecnia*, 49: 405-414.
- SICURO, F.L.; OLIVEIRA, L. F. B. Coexistence of Peccaries and Feral Hogs in the Brazilian Pantanal Wetland: An Ecomorphological View. *Journal of Mammalogy*, 83(1):207-217. 2002
- SOLLERO, B. P. 2006. Diversidade genética das raças naturalizadas de suínos no Brasil, por meio de marcadores microssatélites. M.Sc. Thesis. University of Brasília, Brazil, 66 pp.
- SORIANO, B. M. A. OLIVEIRA, H. CATTO, J. B.; COMASTRI FILHO, J. A.; GALDINO, S.; SALIS, S. M. 1997. Plano de Utilização da Fazenda Nhumirim. Corumbá: Embrapa-CPAP. 72p.
- TARIFA, J. R. 1986. O sistema climático do Pantanal. Da compreensão do sistema à definição de prioridades de pesquisa climatológica. In: Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal, 1, 1984, Corumbá. Anais... Brasília: EMBRAPA-DDT, p. 9-28.
- VIANA, A. T. 1986. Os suínos: criação prática e econômica. 12ª ed. Editora, São Paulo, Brasil, 384pp.
- <http://www.sossuinos.com.br/consultas/canastra.htm>
- http://www.ceres.ufv.br/CERES/revistas/V56N004_00609.pdf
- [http://www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path\[\]=6629&path\[\]=4934](http://www.abaagroecologia.org.br/ojs2/index.php?journal=rbagroecologia&page=article&op=viewFile&path[]=6629&path[]=4934)
- <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf=CT76>.